

A Vontade de Vida Schopenhaueriana como a Essência Humana: Um Golpe à Presunção Racional

Camila Koerich Espíndola*

“Presunção é nossa doença original... É pela mesma vaidade de imaginação que o homem se iguala a Deus, atribuindo-se qualidades divinas, e afasta-se e separa-se da multidão de outras criaturas.”
Michel Montaigne

Resumo: o presente artigo tem o objetivo de mostrar que a Vontade de vida, apresentada por Arthur Schopenhauer como a essência íntima tanto dos seres humanos quanto da natureza em geral, pode ter o efeito de igualar a humanidade aos demais seres vivos, abalando a presunção humana fundamentada na capacidade racional.

Palavras – chave: Schopenhauer, Vontade de vida, essência, seres humanos, natureza.

I

Três foram os famosos golpes aplicados contra o narcisismo humano: Copérnico havia provado que a Terra não era o centro do sistema solar. Darwin mostrou que o filho de Deus não passava de um descendente de animais, porém, mais evoluído. E Freud, com a psicanálise, afirmou que o homem era, em grande parte, governado pelo inconsciente, portanto, não senhor de sua casa até o ponto em que costumava julgar. Antes, porém, deste último, existiu um filósofo que, movido pela investigação do enigma e da essência do mundo, acabou por ferir o orgulho humano diante de sua pretensão racional. Considerado por muitos como uma maldição ideológica, Arthur Schopenhauer (1788 – 1860) defendeu que, embora o ser humano seja provido da razão, esta é apenas um mecanismo secundário de sua constituição biológica. Para ele, a essência do homem, assim como a essência da natureza em geral é a Vontade, que se manifesta no mundo como vida. As diferenças, a pluralidade do mundo, representam somente a manifestação de fenômenos distintos que compartilham de uma essência única, a Vontade. Se há distinção,

* Camila Koerich Espíndola é aluna do programa de Pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

ela remete-se apenas ao âmbito da aparência. Diante dessa revelação, o presente artigo por objetivo mostrar como a Vontade de vida coloca em pé de igualdade os seres humanos frente aos demais seres da natureza.

II

Se a essência do mundo é una, por que o mundo a nossa volta se apresenta de diversos e múltiplos aspectos? Como resposta, Schopenhauer afirma “o mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER: 2005, p. 43). Toda a pluralidade é resultado do mundo enquanto representação, que se caracteriza justamente pela divisão do sujeito e do objeto. Esse sujeito é definido como o sustentáculo do mundo, “condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece, de toda a representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 45). Em sua consciência estão embutidos *a priori* o que Schopenhauer denominou de princípios da razão, ou seja, o espaço, o tempo e a causalidade. É por meio destes que o sujeito conhece o mundo que aparece. O espaço e o tempo, também conhecidos como *princípio da individuação*, dão origem a toda pluralidade.

A efetividade do mundo conforme percebemos é, portanto, constituída de coisas distintas e materiais. A matéria nada mais é que os movimentos, as mudanças que cotidianamente acontecem ao nosso redor. A mudança é sua essência. Para tanto, a matéria pressupõe o espaço, pois a forma lhe é inseparável e pressupõe o tempo, devido o seu fazer efeito. Conhecer a causalidade, ou melhor, a realidade nos seus distintos aspectos, é função do entendimento. Para Schopenhauer, este recurso que nos permite acessar o mundo empírico não passa de uma função fisiológica de um órgão interno chamado cérebro. Metaforicamente, o entendimento ou a consciência poderia ser comparado a uma navalha, que corta o mundo em pedaços, gerando a multiplicidade. No entanto, essa lanterna que nos faz perceber a realidade, ou seja, o entendimento é compartilhado tanto pelos homens quanto pelos animais. Segundo Schopenhauer:

Todos os animais possuem entendimento, mesmo os mais imperfeitos, pois todos conhecem objetos, e esse conhecimento determina, como motivos, os seus movimentos. O entendimento é o mesmo em todos os animais e homens, possui sempre e em toda a parte a mesma forma simples: conhecimento da causalidade. (SCHOPENHAUER: 2005, p. 64)

Antes mesmo de apresentarmos a Vontade como essência, essa passagem já põe por terra a arrogância de filósofos, entre eles Descartes, que tiveram a pretensão de negar qualquer resquício de consciência aos animais. Tais alegações repercutiram, como lembra Sônia Felipe, num modelo de consideração mecanicista em relação aos animais não-humanos, o qual desprezava esses seres ao defender que, além de não possuírem consciência, também não eram capazes de sentir dor. Schopenhauer afirmou sem medo que a representação é primeiro fato da consciência e que a capacidade de perceber o mundo permanece sempre dependente do primeiro olho que se abriu, tenha ele pertencido até mesmo a um inseto (SCHOPENHAUER: 2005, p. 80; 75). Surpreendente é notar também que Schopenhauer relacionou a questão da consciência e da perceptividade com a questão da dor. Para ele, onde há consciência há também a capacidade de sofrer. Embora o sofrimento seja maior na espécie humana, pois a capacidade de percepção é proporcional ao tormento, o Autor aponta que há um grau bem baixo de sofrimento já nos animais menos complexos e um grau mais elevado nos animais vertebrados com sistema nervoso completo (SCHOPENHAUER, 2005: p. 399).

Ainda que tenham a consciência, ou melhor, sejam capazes de perceber a realidade, há, porém uma diferença. Enquanto os animais possuem apenas representações intuitivas, que correspondem a apreensão imediata da realidade, os homens possuem também as representações abstratas, pois, de acordo com Schopenhauer, somente os últimos apresentam a razão, cuja função primordial é a fabricação de conceitos. É graças à razão e ao seu fruto, a linguagem, que os seres humanos conseguem apreender em conceitos o que lhes é dado pela representação intuitiva. Isso permite que eles, entre muitas coisas, possam planejar ações futuras, assim como não atender as impressões momentâneas, o que confere aos homens uma pseudo-liberdade. Em linhas gerais, essa é a concepção do mundo como representação apresentada no

primeiro livro de sua obra magna *O Mundo como Vontade e como Representação*.

III

Se o mundo, por um lado é representação, por outro lado é inteiramente Vontade. Essa Vontade é caracterizada como uma força vital, destinada a propagação da vida e a conservação da espécie. É um esforço sem fim, um ímpeto cego e sem fundamento, *essência íntima* de todos os fenômenos naturais, que se manifesta no mundo como representação – segundo o princípio da individuação – como fenômenos múltiplos e distintos. A Vontade (essência), ao contrário da representação (aparência), é una, indivisa. Pelo fato de não estar submetida ao princípio da razão, a Vontade, enquanto coisa em si, não pode ser objeto de conhecimento para o sujeito cognoscente.

Mas, então, como se alcança o íntimo do Universo, o enigma do mundo? Nas palavras de Schopenhauer, “de fora, jamais se chega à essência das coisas” (SCHOPENHAUER: 2005, p. 156). Nesse sentido, é impossível resolver o enigma metafísico, descobrir o segredo da realidade partindo do mundo exterior, das representações. É por meio da experiência da vontade vivida de maneira direta e íntima no *corpo* humano que encontramos o acesso para descobrir a essência do mundo exterior.

O enigma é, então, apresentado ao sujeito do conhecimento que entra em cena como *indivíduo*, mediante sua identidade com o corpo. Esse corpo é apresentado de duas maneiras distintas: como representação na percepção do entendimento, ou seja, como um objeto qualquer, submetido às leis destes; por outro lado, o corpo também se apresenta como aquilo que é conhecido *imediatamente* por todos, denotado pela palavra Vontade. Seguindo esse raciocínio:

Todo ato verdadeiro de sua vontade é simultânea e inevitavelmente também um movimento corporal [...] O ato da vontade a ação do corpo não são dois estados diferentes, conhecidos objetivamente e vinculados pelo nexo da causalidade, nem

se encontram na relação de causa e efeito; mas são uma única e mesma coisa, apenas dada de duas maneiras totalmente diferentes, uma vez imediatamente e outra na intuição do entendimento. A ação do corpo nada mais é senão o ato da vontade objetivado, i.é., que apareceu na intuição. (SCHOPENHAUER: 2005, p.157).

Todavia, o homem, se por um lado é Vontade, essa sua vontade, seu querer íntimo, se exterioriza no mundo como ações, logo como representação. Portanto, o homem é também um *fenômeno* da vontade. Segundo Schopenhauer “o princípio da razão é a forma universal de todo o fenômeno. O ser humano em seu agir, como qualquer outro fenômeno, tem de estar submetido a ele” (SCHOPENHAUER: 2005, p. 173). Desse modo, como no mundo da representação nada é sem razão, tudo, portanto, tem uma causa. Enquanto fenômeno da vontade, os movimentos corporais do ser humano se manifestam principalmente segundo a lei da motivação. Em outras palavras, o seu querer interior se exterioriza no mundo como representação principalmente por intermédio dos motivos. O motivo é a causalidade em forma de conhecimento, ou seja, “é uma representação na mente consciente que faz o corpo se movimentar para agir” (JANAWAY: 2003, p.59). Por isso o movimento causado por motivo está diretamente relacionado com o entendimento, ou seja, com uma consciência que percebe o mundo. A ação que vemos manifestar-se no tempo e no espaço mediante a lei da motivação, é o querer concretizado, ou seja, é vontade que se tornou representação. No ser humano, os motivos podem ser de ordem perceptuais, referente as representações intuitivas, ou de ordem abstrata, referente as representações abstratas. A Vontade, porém, também se manifesta nos movimentos do corpo que não são guiados por conhecimento algum. Essa manifestação da vontade chama-se *excitação*. Os processos vitais da digestão, circulação sanguínea, secreção, crescimento e reprodução são exemplos da manifestação da vontade enquanto excitação no corpo humano.

O corpo todo e a série total de suas funções são, portanto, a Vontade de vida tornada visível, que aparece nos movimentos desse mesmo corpo segundo motivos e excitações. Se o corpo inteiro é um produto da Vontade objetivada, ou seja, manifestação de uma vontade dirigida para a preservação

da vida, então, as partes do corpo correspondem aos principais apetites pelos quais a vontade de vida se manifesta: os dentes, o esôfago e o canal intestinal são a fome objetivada, assim como as partes genitais são o instinto sexual objetivado, por exemplo. Os genitais, para Schopenhauer são o verdadeiro foco da Vontade. Eles são o princípio conservador vital, garantindo a vida infinita no tempo. A natureza nos prega peça com o que chamamos de amor, diz o filósofo. É por causa da ilusão da atração, da paixão e do prazer, que as pessoas se envolvem. Na *Metafísica do Amor*, ele nos mostra que os seres humanos, enquanto pensam estar obedecendo somente aos seus desejos, na verdade estão servindo apenas ao bem da espécie. Depois de nove meses a vitória é, de fato, da natureza, que tinha por objetivo a propagação da vida e a conservação da espécie.

IV

O corpo é, portanto, a única representação que o homem, enquanto sujeito do querer, experimenta como representação e imediatamente como vontade. Esse reconhecimento da presença da coisa em si no corpo será a chave para acessar a metafísica imanente de toda a natureza. A célebre frase “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo”, retrata muito bem como o homem pode chegar ao âmago daquilo que *aparentemente* se manifesta de maneira diferente do seu ser. A partir do microcosmo, ou seja, da identidade da Vontade com o corpo na sua totalidade, Schopenhauer declara que o ser humano tem a chave para compreender o macrocosmo, isto é, a essência dos demais objetos compreendidos como representação:

O duplo conhecimento, dado de dois modos por completo heterogêneos e elevados à nitidez, que temos da essência e fazer efeito de nosso corpo, será em seguida usado como uma chave para a essência de todo o fenômeno da natureza. Assim, todos os objetos que não são o nosso corpo, portanto não são dados de modo duplo, mas apenas como representações na consciência, serão julgados exatamente conforme analogia com aquele corpo. Por conseguinte, serão tomados, precisamente como ele, de um lado como representação e, portanto, nesse aspecto, iguais a ela; mas de outro, caso se ponha de lado a sua existência

como representação do sujeito, o que resta, conforme a sua essência íntima, tem de ser o mesmo que aquilo a denominarmos em nós VONTADE. (SCHOPENHAUER: p.162;163).

As demais representações, por analogia, são semelhantes ao nosso corpo. Negar essa afirmação seria, além de egoísmo teórico, egoísmo prático. Se os movimentos do corpo humano não passam da visibilidade dos atos isolados da Vontade, então, o movimento em toda a natureza também será considerado como a objetivação da mesma vontade de vida. Uma vez que mundo da representação é a vontade objetivada, segue-se que todos os movimentos desse mundo são, em seu íntimo, direcionados a prover a vida.

Assim como nos seres humanos, também nos animais, os movimentos e ações são dados principalmente segundo motivos. No entanto, pelo fato de não possuírem razão, os animais se movem sempre por representações intuitivas que se apresentam em sua consciência. Nesse sentido, a consciência, a capacidade de perceber a realidade é o que ajuda o animal a ser mover para se prover:

O alimento tem de ser procurado e escolhido desde que animal sai do ovo ou do ventre da mãe, nos quais vegetava sem conhecimento. Daí ser necessário o movimento por motivo e, por isso o conhecimento, o qual aparece como um meio de ajuda, exigido neste grau de objetivação da Vontade para a conservação do indivíduo e propagação da espécie. (SCHOPENHAUER: 2005, p.215).

Já em relação às plantas – assim como em todas as funções do corpo dos homens e dos animais que não são guiadas por conhecimento, isto é, em todos os seus processos vitais e vegetativos – todos os movimentos se dão por *excitação*. De acordo com Schopenhauer, a ausência do conhecer e do movimento condicionado por motivos é o que diferencia a planta do animal enquanto manifestações da vontade. No reino vegetal há uma manifestação da Vontade ativa e exclusivamente em sua essência originária, como ímpeto cego, sem o auxílio do conhecimento, mas também sem a perturbação e o sofrimento proveniente do mundo como representação. Por fim, no reino inorgânico a vontade se manifesta num grau muito menor como causa propriamente dita. São objetivações da vontade em forma de causa, por exemplo, a gravidade

que atrai uma matéria para a Terra, a força com que o ímã se volta para o pólo norte, a atração que ele exerce sobre o ferro.

V

Conforme a exposição acima pode-se perceber que a distância do ser humano para com os demais seres da natureza é gradativamente marcada pela capacidade racional, própria apenas daquele primeiro. No entanto, essa faculdade é somente “a ponta de um *iceberg* cuja massa é a vontade” (JANAWAY: 2003, p.66). Uma Vontade de vida, também encontrada abaixo do limiar do pensamento e da ação racional, presente tanto nos movimentos conscientes dos seres humanos quanto naqueles que carecem de conhecimento, como a circulação sanguínea, digestão, crescimento e reprodução. Da mesma maneira como a sua essência é Vontade, a essência da natureza inteira também é vontade objetivada, a qual difere somente em grau, mas não em essência. Uma vontade de vida, força dinâmica e vital, presente tanto na planta que vegeta quanto no animal que possui um conhecimento inteiramente submetido à vontade de viver. A consciência, comum a animais e homens, e a razão, característica do ser humano, são encaradas por Schopenhauer como um mecanismo organizado para a propagação da vida:

O conhecimento em geral, quer simplesmente intuitivo quer racional, provem originalmente da Vontade e pertence à essência dos graus mais elevados de sua objetivação, como um meio para a conservação do indivíduo e da espécie, como qualquer outro órgão do corpo. Por conseguinte, originalmente a serviço da Vontade para a realização de seus fins, o conhecimento permanece-lhe quase sempre servil, em todos os animais e em quase todos os homens (SCHOPENHAUER: 2005, p.19).

No mito do Prometeu há uma associação à idéia acima. Epimeteu, ao distribuir entre os diferentes animais todas as habilidades necessárias para garantir a sobrevivência, como asas, velocidade, armas, pêlos e garras, acabou se esquecendo de um ser: o homem, o qual permaneceu nu e indefeso. Vendo

a condição no qual se encontravam os homens, Prometeu rouba o fogo divino e entrega a eles. Assim como no mito de Prometeu o fogo pode ser associado como um remédio para insuficiência biológica humana, na filosofia de Schopenhauer a razão também aparece com um propósito semelhante. Já que no ser humano a Vontade atingiu um grau mais elevado de objetivação, não sendo suficiente apenas o entendimento como via de conhecimento,

altamente necessitado e indefeso como é o homem teve de ser iluminado por um duplo conhecimento para subsistir. Com isso coube-lhe uma potência mais elevada do conhecimento intuitivo, um reflexo deste, vale dizer, a razão como faculdade de conceitos abstratos. (SCHOPENHAUER: 2005, p. 216).

Embora a razão seja uma forma de objetivação da Vontade em grau mais elevado, destinada também à conservação da vida, a essência íntima do ser humano é uma força, um ímpeto cego, que se faz presente também onde conhecimento algum pode atuar. Ao tomar como essência do ser humano a vontade de vida, e não a razão, a filosofia de Schopenhauer pode ter “o efeito de negar à humanidade qualquer *staus* especial distinto do resto da natureza” (JANAWAY: 2003, p. 62).

Sem dúvida alguma o fato de Schopenhauer considerar a razão como uma distinção de grau e não de essência dos homens para como o ambiente em geral, é de fazer abalar todo o alicerce de uma espécie que se julga superior a tudo o mais. Foi justamente esse olhar presunçoso para a capacidade racional que fez o ser humano fechar seus olhos para a metafísica imanente que o iguala a toda a natureza. No intuito de mostrar aos homens que a sua essência íntima é também compartilhada por todo o macrocosmo, o filósofo fez questão de deixar registrado na sua obra *Sobre o Fundamento da Moral* o seu desprezo pela moralidade que elegeu arbitrariamente a razão como critério de consideração moral:

Que vergonha dessa moral [...] que desconhece a essência eterna que existe em tudo o que tem vida e reluz com inesgotável significação em todos os olhos que vêem a luz do dia. Porém, aquela moral só reconhece e considera a única espécie que tem valor, a que tem como característica a razão, sendo esta a condição pela qual um ser pode ser objeto de consideração moral (SCHOPENHAUER: 2001, p. 77).

Quatro foram os preciosos inspiradores para a sua concepção filosófica: Platão, Kant, os *Upanixads* e o seu olhar para o espetáculo vivo da natureza. Schopenhauer, filósofo que destinava uma crítica ferrenha àqueles que prendem-se somente aos livros, chegou a dizer certa vez que os eruditos são os que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo (SCHOPENHAUER: 2007, p. 41). Muito provavelmente o seu olhar cosmológico para a natureza, acompanhado, sem dúvida de um estudo rigoroso de diferentes áreas de saber, fez com que o filósofo encontrasse no livro da vida a resposta para o enigma metafísico. A partir da descoberta da Vontade como o “em si” do mundo, ele pode fazer o que considerava a tarefa da filosofia, ou seja, reproduzir em conceitos abstratos a essência de mundo. E, para pavor daqueles que procuravam a todo o modo se afastar do plano natural, com aquela mesma descoberta Schopenhauer mostrou a humanidade o que também fora enfatizado com tanta freqüência pela fórmula sânscrita, empregada nos livros sagrados dos hindus, que soa “Tat twan asi”, ou seja, “esse vivente és tu” (SCHOPENHAUER: 2005, p.295).

Referências

- BARBOZA, J. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FELIPE, S. T. **Ética e experimentação animal**: fundamentos abolicionistas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- JANAWAY, C. **Schopenhauer**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- STAUDT, L. A. **O significado moral das ações humanas**: metafísica e ética em Arthur Schopenhauer. Porto Alegre, 2004. 179 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Filosofia.
- SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2007.
- _____. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. **Sobre o fundamento da moral**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.